

# AFETIVIDADE E CULTURA DE PAZ: UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Vanda Maria Campos Salmeron Dantas<sup>1</sup>  
Ada Augusta Celestino Bezerra<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo analisa o resultado do projeto 'Afeto Sim! Violência não! Uma vida sem violência é um direito das mulheres', o qual teve a finalidade de sensibilizar os alunos do ensino fundamental da rede municipal de Aracaju, em relação à violência doméstica contra a mulher, diante do índice elevado de violência em Aracaju, como também aborda a importância de uma educação direcionada para a cultura da paz, por meio de uma pedagogia da afetividade, um olhar singular sobre o outro. Além disso, o estudo propõe-se a discutir a necessidade de abrir espaço para reflexão sobre a formação continuada do professor e mostrar a importância de uma educação para a paz que proporciona o diálogo, o respeito ao próximo que tem como proposta uma educação direcionada para a empatia, estimulando habilidades e potencialidades do ser humano, homens e mulheres, numa sociedade igualitária de valorização do ser. A metodologia adotada seguiu a abordagem qualitativa, envolvendo a participação dos alunos, ouvindo seus depoimentos e sua opinião sobre a temática e, concomitantemente, despertar neles momentos de reflexão, no sentido de tentar reduzir a violência de gênero praticada contra a mulher.

## PALAVRAS-CHAVE

Afetividade. Gênero. Violência.

---

1. Mestre em Ciências Sociais – UFRN; Doutoranda em Educação – UNIT; Professora da Universidade Tiradentes; Professora da rede municipal de Aracaju; Pesquisadora associada da Rede Feminista de Estudos e Pesquisas sobre a mulher e as relações sociais de gênero – REDOR; Pesquisadora do grupo de pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professor GPGFOPUNIT/CNPQ. Membro da ANFOPE. E-mail: vandasalmeron@yahoo.com.br  
2. Pós-Doutora Sênior em Educação/Universidade de Lisboa (2012); Doutora em Educação/Administração Escolar-FE/USP; Mestre em Educação/Administração de Sistemas Educacionais – IESAE/FGV (RJ); Especialista em Metodologia do Ensino Superior – UFS; Especialista em Planejamento Educacional e Gestão de Sistemas Educacionais – IESAE/FGV – (Salvador); Licenciada em Pedagogia, Administração Escolar – UFS. adaaugustaeduc@gmail.com

## ABSTRACT

This article analyzes the results of the project named "Affection Yes! Violence not! A life without violence is a right of women", which had the purpose to raise awareness among elementary school students in Aracaju the municipal system in relation to domestic violence against women, given the high level of violence in Aracaju, but also to consider the importance of a targeted education for a culture of peace through a pedagogy of affection, a unique view of the other. Besides discussing the necessity of make space for reflection about the continuing training of teachers and show the importance of education for peace that provides dialogue, respect for others that proposes a targeted education for stimulating empathy skills and potential of human beings, men and women on an equal society appreciation of being. The methodologies involved integrating the students, listening to their statements and their opinion on the subject and, concomitantly, awaken in them moments of reflection, to try and reduce gender violence practiced against women.

## KEYWORDS

Affection; gender; Violence.

## 1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, observa-se que o índice de violência contra a mulher é bastante elevado no Estado de Sergipe; de acordo com os dados estatísticos do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA); as notificações realizadas em Aracaju, entre os anos de 2009 e 2013 atingiram um total de um mil e cento e trinta e duas ocorrências. Diante desses dados estatísticos houve a necessidade de desenvolver um projeto para sensibilizar alunos, professores e comunidade da escola pública sobre a importância do respeito e valorização do indivíduo, principalmente a mulher, que ainda sofre vários tipos de violência no contexto social em que está inserida.

Por meio do desenvolvimento do projeto, buscou-se proporcionar às pessoas momentos de reflexão e tentar reduzir a violência de gênero praticada contra a mulher por uma metodologia direcionada à educação para a paz, mediante a qual a relação entre violência e paz é permeada por elos de debate e reflexão. Uma sociedade direcionada para a paz precisa rever conceitos e valores que envolvem preconceitos e incidem em violência para justificar os atos comportamentais ofensivos e que muitas vezes levam à morte, no contexto de uma sociedade excludente, nas relações de produção da existência apoiadas na exploração de uma classe por outra, ou de grupos sociais sobre outros.

Embora a violência de gênero possa incidir sobre homens e mulheres, os estudos e estatísticas existentes demonstram que grande parte dessa violência é omitida por homens contra as mulheres, com consequências físicas e psicológicas. Segundo a Declaração de Antígua Contra a Violência Baseada no Gênero (FEDERAÇÃO, 2003), esse tipo de violência é uma violação dos direitos humanos e um problema de saúde pública. Além disso, as pesquisas têm mostrado que a violência contra as mulheres pode apresentar-se de maneiras diversas, além do que, nas culturas patriarcais, a mulher é um alvo frequente. Assim, a violência de gênero é quase sinônimo de violência contra a mulher.

A base teórica que fundamenta o trabalho circunscreve-se aos estudos de Beauvoir (1984), Charlot (2005), Morin (2007), Strey (2004) e outros renomados educadores. O Projeto enfatiza o debate e reflexão sobre a violência contra a mulher, que pode ser: do tipo físico (empurrões, tapas, socos, pontapés, enforcamento, facadas, tiros, pedradas, privação de liberdade etc.); psicológico (debates, insultos, ofensas, ameaças, intimidações, promessas de morte etc.); econômico (privação de dinheiro, trabalho escravo); ou sexual (estupro).

O debate e a reflexão são propostas em uma perspectiva da pedagogia crítica social dos conteúdos, por meio de uma metodologia dialógica da afetividade e felicidade que oportunize o debate e alternativas para o respeito ao ser humano. Para

tanto, são adotadas estratégias com dinâmicas interativas, filmes, rodas de conversa, dramatização e produção de textos e imagens sobre a temática.

Por meio do desenvolvimento do Projeto tem-se a intenção de contextualizar a conjuntura histórica da questão de gênero com a influência de uma sistema patriarcal que estigmatizou a mulher como um ser inferior ao homem, instituído pela religião e consolidado na educação, tanto formal quanto informal; a expectativa também é mostrar a importância de uma educação para a paz que proporciona o diálogo, o respeito ao próximo, tendo como proposta uma educação direcionada para a empatia, estimulando habilidades e potencialidades do ser humano, homens e mulheres, na perspectiva de uma sociedade igualitária de valorização do ser.

## 2 A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER A CULTURA DA PAZ

No estudo sobre a violência destacam-se três tipos: violência direta, por meio da qual os autores são visíveis; violência estrutural, na qual o autor não é visível, mas as vítimas são; e, por fim, a violência cultural, em que nem o autor nem a vítima são efetivamente visíveis. Assim, a vida do ser humano é constantemente direcionada muitas vezes por um ou mais tipos de violência em uma sociedade onde normas e valores permeiam as relações sociais. De acordo com os estudos e estatísticas existentes, a violência de gênero enfatizaria a mesma coisa que violência de homens praticada sobre mulheres, com consequências físicas e psicológicas muito mais grave, severa: a morte.

Os homens frequentemente caçam e matam uma esposa que os tenha deixado; as mulheres dificilmente se comportam dessa maneira. Os homens matam as esposas como parte de um planejamento de assassinato-suicídio; quase não se ouve falar de atos semelhantes por parte das mulheres. Os homens matam suas esposas em resposta à descoberta de sua infidelidade; as mulheres quase nunca respondem assim, embora seus parceiros sejam infiéis mais frequen-

temente. Os homens geralmente matam suas esposas depois de sujeitá-las a longos períodos de abuso e agressões; os papéis, em tais casos, raramente são trocados. Os homens massacram a família inteira, matando mulher e filhos; as mulheres não. Ainda mais, parece claro que uma grande proporção de morte de maridos por mulheres foi em defesa própria, enquanto que o mesmo não acontece com os maridos que mataram. Diferente dos homens, as mulheres matam seus parceiros após anos de sofrimento de violência física, após terem esgotados todas as fontes disponíveis de assistência, quando se sentiam atrapadas em uma armadilha e porque elas sentiam medo por suas próprias vidas. (WILSON; DAY APUD SAUNDERS, 2002, p. 1432).

Assim, a violência do homem contra a mulher está em todos os níveis sociais, e, de acordo com estudos, fatores individuais de relacionamentos e sociais estão interligados ao crescente risco de violência contra as mulheres nas relações íntimas heterossexuais.

Na pesquisa realizada, por meio do projeto desenvolvido nas escolas constata-se, por meio de histórias de vida dos alunos, essa realidade presente em que os alunos vivem o contexto social e familiar na qual a violência doméstica é corriqueira. Alguns depoimentos ressaltam essa afirmação.

Isso é violência moral!? Pois então tem todo dia lá em casa. (ALUNO, 2014).

Nas reuniões que fazemos na escola, as mães acham normal agressão realizada pelos maridos ou companheiros, acreditam que é a demonstração que gostam e cuidam dela. (DIRETORA, 2014).

A realidade das crianças e adolescentes de situação econômica mais baixa é marcada pela convivência dessa ordem, acreditando que é normal os comportamentos observados no contexto familiar. A violência é tão corriqueira para essas crianças, que quando perguntamos aos alunos do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano o que significa 'violência' todos responderam corretamente, porém quando foi perguntado o significado da palavra 'afeto', a maioria das crianças não sabia seu significado.

Dentre os dados apontados nas pesquisas, constata-se, entre outros, que os que apresentam o maior risco de agredirem suas parceiras mulheres são homens jovens, homens que bebem excessivamente, homens de poder aquisitivo baixo e homens que testemunharam ou sofreram violência em sua família de origem. A violência permeia o contexto social dessas famílias, nas quais os filhos começam a seguir o modelo presenciado e, conseqüentemente, acham natural o comportamento violento. Foi detectado no decorrer das atividades realizadas, por meio dos depoimentos dos alunos, que a violência física e a violência verbal são as mais observadas no contexto educacional, pelos professores e pelos próprios alunos.

A violência contra as mulheres é uma construção histórica de relação de poder entre o homem e a mulher, numa sociedade que solidificou o homem como um ser forte e dominador, restando à mulher ser frágil e submissa. Quando essas características são ameaçadas pelo poder do homem, impondo na sociedade o código patriarcal, desencadeia o ciclo de violência.

A violência é a última expressão da dominação como os novos coletivos de homens contra a violência de gênero reconhecem. Eles identificam os agressores masculinos como indivíduos que acreditam no estereótipo tradicional da superioridade masculina e desejam usar a violência física para manter seu poderem suas casas e sobre as mulheres. (BONINO, 1999 APUD STREY; AZAMBUJA; JAEGER, 2004, p. 16).

No contexto educacional, é necessário haver uma discussão de gênero por meio de atividades que possam desenvolver a reflexão, mostrar para meninos e meninas que a violência não é uma situação normal, sensibilizar sobre os papéis de homem e da mulher como seres iguais que merecem oportunidades e respeito perante uma sociedade ainda machista e violenta.

De todos os modos, as mulheres são maciçamente as maiores vítimas da violência de gênero, tanto historicamente quanto sob qualquer outro paradigma que queiramos utilizar, o que não quer

dizer que sejam apenas vítimas passivas e submetidas, mas que é o alvo preferido nas culturas patriarcais. (STREY; AZAMBUJA; JAEGER, 2004, p. 17).

Entretanto, por meio da cultura de Paz, alicerçada em construir novas maneiras de cultivar as relações humanas, o estudo de conflitos não visa apenas a resolvê-los de qualquer maneira, nem fazer a justiça com as próprias mãos; mas, o ideal é aprender a extenuá-los e a transformá-los, proporcionando oportunidades de relações de afetividade e respeito ao semelhante e, bem assim a buscar novas formas de cultivar as relações humanas, novas culturas para a paz.

É importante mostrar e sensibilizar o ser humano acerca da necessidade de refletir sobre conceitos rotulados, que foram passados de geração em geração, no sentido de considerar o ato da violência como algo natural tais como: as desigualdades sociais, a miséria, a violência contra a mulher, negros, índios e homossexuais.

Portanto, desconstruir conceitos que, por muitas décadas, excluíram essas minorias é o papel social do ser humano para uma cultura da paz, proporcionar outros olhares que possam trazer o olhar da subjetividade e o respeito ao outro, independentemente da cor, sexo, religião e preferência sexual. Desse modo, a educação para a paz proporciona quebra de paradigmas, reconstrução de formas pacíficas de transformação de conflitos, momentos de reflexão, crítica e construção de novos saberes voltados para uma epistemologia dialógica da afetividade e do acolhimento.

Para tanto é necessário entender a história da sociedade e entender os elementos necessários para confrontar a violência doméstica, no discurso e na prática, de acordo com Almeras (2001, p. 57 APUD STREY; AZAMBUJA; JAEGER, 2004, p. 35):

- Entender a violência como um tema de direitos humanos;
- Entender casos individuais de violência desde uma dimensão social, cultural, legal e psicológica;

- Organizar atividades públicas que visem aos homens e às questões das estruturas tradicionais do poder e privilégios masculinos;
- Gerar atividades preventivas e educacionais dirigidas aos homens de todas as idades para serem mais responsáveis em termos de paternidade e cuidado doméstico;
- Coletar e disseminar dados que possam ser usados como uma ferramenta de informação;
- Assegurar a complementaridade e a coordenação de estratégias para prevenir a violência contra as mulheres pelo Estado, pelos movimentos de mulheres e pelas organizações masculinas.

Por meio de políticas públicas efetivadas, como também a participação dos movimentos sociais integradas com a educação, será possível reverter o quadro em médio e longo prazo, com a participação da sociedade em um trabalho coerente que poderá contribuir para dizimar a violência doméstica.

### 3 O PAPEL DA MULHER NO DECORRER DA HISTÓRIA

Durante muito tempo, as diferenças biológicas foram usadas para inferiorizar a mulher. O fato de as mulheres terem o corpo diferente do dos homens foi interpretado como sinal de fraqueza física e de incompetência intelectual. Na sociedade, perpetuou-se um sistema em que a população feminina era vista como incapaz de cuidar de si própria, de seus negócios, de sua vida. O lugar ocupado por elas é de subordinação. Os marxistas argumentaram que, com o estabelecimento da propriedade privada, o homem quis garanti-la para si e seus herdeiros e instituiu a família monogâmica, controlando a sexualidade das mulheres por meio da exigência da castidade, e, conseqüentemente, a mulher passou a ser propriedade privada do homem. De acordo com Beauvoir (1984, p. 125), desde o feudalismo até os nossos dias, a mulher casada é deliberadamente sacrificada à propriedade privada.

Além do mais, as variáveis econômicas foram determinantes em atribuir à mulher o centro do sistema familiar e social. O comando econômico, que pertencia à mulher na civilização primitiva, foi transferido para o homem. O crescimento da propriedade privada trouxe consigo a subordinação da mulher, como também foi instituída a fidelidade feminina como forma de resguardar a herança para os filhos, sendo que a mesma faz parte dos bens possuídos pelos homens.

Diante disso, o processo histórico e econômico é observado com o enfoque da transformação do arranjo social e econômico que iniciou, por meio da tradição oral, as primeiras explicações da origem de gênero humano. Na História foi perpetuada a supremacia do homem em relação à mulher, situando-a num patamar inferior ao ocupado pelo homem. Nas lendas da criação do mundo, a mulher foi criada a partir do homem e sua influência foi ruim devido à perda do 'paraíso', fato que forçaria o homem a trabalhar para sobreviver. Essas histórias de comunicação oral foram transmitidas pelos homens e contribuíram para a submissão da mulher.

A sociedade capitalista perpetuou a divisão do trabalho entre o público e o privado direcionando-o para a divisão de sexo, como também para a divisão intelectual. O próprio sistema cria uma relação de dominação entre o que detém o poder, no caso o homem que está à frente dos negócios e se acha no direito de explorar, exigir subserviência dos que considera inferiores: mulheres, negros, índios, pobres, todos são alvos dessa relação de poder. O sistema capitalista reforça essa relação a partir do momento que visa ao capital, explora a mão de obra, estimula o individualismo e contribui para a desigualdade social. O início das sociedades de classe marca a tendência dominadora.

A luta de gênero proporcionou uma quebra de paradigmas, desconstruindo argumentos de que a mulher não tinha capacidade de administrar sua vida. Os direitos conquistados proporcionaram oportunidade para sua libertação das amarras do próprio sistema, como também da vida familiar subordinada ao homem.

Essa é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era. Marx e Engels medem-lhe todo o alcance e prometem às mulheres a sua libertação que está estreitamente ligada à história da propriedade privada; uma catástrofe substituída pelo patriarcado, o regime do direito materno e escravizou a mulher ao patrimônio; mas a revolução industrial é a contrapartida dessa dependência que resultará na emancipação feminina. (BEAUVOIR, 1984, p. 148).

A sociedade propagou a ideia da mulher como um ser submisso ao homem e esse estereótipo, enfatizado pelas instituições religiosas e a própria educação, contribuiu para desvalorização da mulher no espaço público, por isso as conquistas realizadas pelo movimento feminista foram de muitos conflitos, fazendo com que a mulher fosse vítima de todos os tipos de violência: física, psicológica, econômica e sexual.

A emancipação feminina foi uma conquista que levou, na contemporaneidade, a mulher a conquistar seu espaço social no trabalho, nos estudos. Porém, a violência contra a mulher ainda é grande nos dias atuais.

De todos os modos, as mulheres são maciçamente as maiores vítimas da violência de gênero, tanto historicamente quanto sob qualquer outro paradigma que queiramos utilizar, o que não quer dizer que sejam apenas vítimas passivas e submetidas, mas que é o alvo preferido nas culturas patriarcais. (STREY; AZAMBUJA; JAEGER, 2004, p. 17).

Assim, os modelos de ser homem e ser mulher contribuíram para as ações de violência na medida em que o homem é educado para ser o provedor, ser forte, agressivo; e a mulher caracterizada como um ser frágil, dependente e sentimental. Retrata uma educação machista que perpetua, no momento atual, a cultura da violência contra a mulher que impulsionou os movimentos de mulheres no sentido de lutarem por igualdade de gêneros, iniciado na Conferência Mundial de Direitos Humanos, em 1993.

Por esta razão, são necessárias políticas públicas que possam fortalecer o discurso social da igualdade de gêneros, como também ações capazes de obstruir e desconstruir a instituição da violência contra a mulher. Para tanto, é necessário compreender a violência cultural como um tema de direitos humanos, proporcionar atividades preventivas e educacionais direcionadas aos homens de todas as idades para serem mais responsáveis e estimularem uma cultura da paz, do respeito ao ser humano. Além de ações preventivas nas escolas por meio de encontros, vídeos, oficinas que proporcionem um espaço para o diálogo e ações reflexivas.

A educação para a paz proporciona um olhar diferenciado, direcionado para o cuidar, integrado com o respeito e a empatia em um contexto de mobilização social, estimulado pela reflexão constante, além de oportunizar encontrar meios de ouvir o outro, em uma relação contínua de compreensão e respeito ao outro.

A paz, da mesma forma que a violência, não é inerente à humanidade. Precisa ser ensinada e aprendida pelo ser humano e fomentada pela cultura. Cultura de Paz não implica a existência de conflitos, mas sim que estes são resolvidos de forma pacífica e justa. (MILANI, 2010, p. 214).

Para uma proposta de uma educação para a paz é necessário um trabalho de reflexão, sensibilização que perceba o semelhante como a si próprio e prevaleça uma cultura de respeito, ética, solidariedade. De acordo com Azevedo (2015), a violência doméstica ou familiar, especialmente contra a mulher, é uma forma específica de violência interpessoal, perpetrada pelo homem e dirigida à esposa ou companheira, seja como um fim em si (violência expressiva) ou como mecanismo de dominação e controle (violência instrumental).

Ainda conforme Azevedo (2015), levando em conta os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), 70% das mulheres sofrem ou já sofreram violência física ou sexual ou ainda sofrerão, caso a situação não mude. No Brasil, os dados de 2013, colhidos da Central de Atendimento à Mulher – Disque 180 – relataram que 81% dos casos



de agressão foram cometidos por parceiros ou ex-parceiros. O fato é que muitos mecanismos institucionais ainda precisam de implantação, desenvolvimento e ajustamento para, realmente, combater e proteger as mulheres vítimas de violência doméstica (AZEVEDO, 2015).

Assim, medidas contra a violência de gênero devem ser estimuladas por meio de políticas públicas que colaborem para a erradicação da violência contra a mulher, no sentido de contribuir para que possam conviver em paz e em solidariedade.

A educação é primordial para a discussão crítica das relações sociais de gênero e geração igualitária; dessa forma, desde a educação infantil já é necessário enfatizar no projeto político pedagógico ações que contribuam para a igualdade de gênero, pois o ensino de habilidades socioafetivas em escola previne os comportamentos de gênero desigual, uma vez que as crianças que são emocional e socialmente habilidosas se relacionam melhor com outras crianças, professores e pais.

No discurso na sede da ONU, a atriz Emma Watson, para o programa *He For She* (2014), citou seu pai como uma pessoa que fugiu dos padrões machistas da sociedade, pois revezava com sua mãe os cuidados da sua educação, ressaltando que os homens também saíam beneficiados ao saber lidar com seus sentimentos (WATSON, 2014).

Entretanto, é necessário também investir na formação continuada do professor para saber lidar com as relações de gênero que permeiam o contexto educacional, por meio de intervenções que possibilitem a reflexão. Na medida em que tenha uma proposta pedagógica de respeito à diversidade, a educação proporcionará um novo olhar para a relação de igualdade entre o homem e a mulher. É necessário estabelecer e desconstruir conceitos que caracterizaram, por muito tempo, comportamentos e sentimentos que diferenciam o masculino do feminino; mostrar que tanto o homem, quanto a mulher detêm um mesmo sentimento e comportamentos que valorizem a equidade.

## 4 EDUCAÇÃO PARA A PAZ E A PEDAGOGIA DA AFETIVIDADE

O espaço escolar é o local apropriado para o aprender. O aprender que envolve saberes formais e saberes vivenciados no contexto social da criança e do adolescente. Saberes necessários para compartilhar, interagir com o outro, inserir-los na sociedade como sujeitos que têm suas histórias, seus saberes e que devem ser preservados, valorizados ocupar seu espaço na sociedade. Compartilhar saberes para a construção de uma sociedade mais justa, humanitária que acolhe e valoriza o cidadão. O "bem", como produto da ética de solidariedade, é fundamental para a criação de valores humanos (VOSS, 2013, p. 67).

Para tanto a escola é justamente o local que deve compreender, observar o aluno, não apenas como indivíduo, mas, respeitando sua singularidade, a complexidade do ser, uma vez que no contexto escolar há uma diversidade de saberes. Para tanto, é necessário que se leve em consideração a necessidade do aluno, o nível de desenvolvimento cognitivo, emocional e social. A criança e os adolescentes perpassam por níveis de maturação na sua formação cognitiva e emocional que precisam ser levados em conta pelo educador no decorrer das atividades pedagógicas.

Assim, é fundamental conhecer tanto o contexto social, quanto em que fase de desenvolvimento eles estão, a fim de iniciar uma proposta pedagógica que envolva o aprender por meio de atividades contextualizadas e que possa expressar o sentimento, emoção, além de desenvolver o seu processo criativo.

Para tanto, o educador, cada vez mais, necessita de uma fundamentação teórica adequada para o perfil da sua sala de aula, pois é cada vez maior a percepção de que ações pedagógicas, por meio da didática, são fundamentais para reflexão de uma prática dialógica. Saber ouvir, aproveitar os momentos das brincadeiras, as aptidões que são desenvolvidas no decorrer das atividades mostram como o professor deve seguir sua trilha pedagógica.

gica. O processo da ensinagem é complexo, perpassa por momentos de reflexão e aplicação para nortear ações que melhorem o desenvolvimento do educando. É necessária a habilidade do professor em observar, questionar, refletir, pesquisar; são requisitos necessários para o professor, ele é um pesquisador. A sala de aula é o seu laboratório, onde aplica metodologias e observa seu resultado; às vezes satisfatório, às vezes o deixa ansioso e fragilizado por não ter alcançado o desejado: o aprender.

O processo de aprendizagem requer uma qualificação profissional, não consistindo em apenas transmitir conhecimentos, mas em perceber que o educando passa por momentos diferenciados – gosta de compartilhar as atividades com os colegas, de formar grupos, de trocar opiniões. Por outro lado, observa-se no cotidiano da sala de aula uma agressividade que se manifesta no momento que sofre agressão de outro colega, verbal ou também física.

Tanto entre os meninos, como também em relação às meninas, principalmente ligados aos relacionamentos amorosos, os comportamentos agressivos são frequentes e, muitas vezes, sofrem influência da família que, culturalmente, estimula a violência física – homem tem que bater para mostrar sua força e ocupar seu espaço, no caso dos garotos, e nas garotas desenvolve-se a 'síndrome do príncipe encantado', pois imaginam que os meninos tenham atributos como fidelidade, carinho e respeito; culpam sempre as meninas quando estas as deixam por outra colega. Essa atribuição da 'culpa' demonstra que, no pensamento estereotipado das meninas, o comportamento errado foi da colega que 'deu em cima' do seu namorado, ocasionando o conflito e as agressões verbais e de violência física.

Concomitantemente, a escola deve reconhecer a realidade que a cerca, caso contrário terá dificuldade de avançar no processo de aprendizagem, e o índice de evasão, repetência e violência cada vez mais serão obstáculos para acolher crianças e jovens e compartilhar saberes. Portanto, toda a ação requer planejar para obter resultados satisfatórios ou mesmo descobrir erros a partir dos obstáculos enfrentados.

O planejamento orienta o trabalho pedagógico do professor, estimula a produção de ações pedagógicas orientadas para o perfil da turma, o ambiente social em que estão inseridos. A partir do planejamento, o professor cria o hábito de pesquisar para poder ofertar aos seus alunos um ambiente agradável de afetividade, compartilhamento e aprendizagem, pois a aprendizagem só ocorre quando o educador percebe o aluno na sua complexidade. O aluno é visto como um ser em construção, que tem uma bagagem cultural e sofre influência social do meio em que vive. Diante dessas observações cabe ao professor refletir sobre sua práxis pedagógica, criar ações que estimulem saberes, que reduzam a violência e proporcionem um ambiente de saberes compartilhados.

*A relação entre o professor e o aluno depende da formação do primeiro e do contexto de vida do segundo. Para o primeiro, a preparação para o exercício do magistério em qualquer nível precisará ir além da simples interiorização e apropriação de conteúdos programáticos relativos a determinadas situações complexas que serão abordados no processo de ensino. A formação do professor deverá permitir-lhe desenvolver uma ampla visão e compreensão do estudante como o 'aprendente', ou seja, aquele que constrói seu próprio conhecimento. Esta construção não está restrita apenas ao campo cognitivo do sujeito, mas depende também de suas características de temperamento e personalidade. Se cada sujeito é diferente na sua maneira de ser e de agir, ele o será também em sua maneira de aprender. Assim, o planejamento de ações pedagógicas deve levar em conta essas singularidades de 'aprendente', da mesma forma que leva em conta a opção pelo modelo pedagógico para o ensino. (MORETTO, 2010, p. 13).*

O ensinar envolve momentos de reflexão e análise para compreender o perfil do educando e pensar estratégias que avancem na construção do conhecimento como também na sua formação como sujeito que precisa saber conviver e compartilhar numa sociedade ainda individualista, competitiva e preconceituosa. Respeitar suas diferenças não para afastar, mas sim agregar, estimular



e levantar sua autoestima, deixando claro que tem condições de avançar quando estimulado.

Para Moretto (2010), o ensinar tem o significado de apresentar aos estudantes as representações construídas, para que eles, individualmente e em grupo, se apropriem significativamente dos objetos de conhecimentos e, com isso, sejam inseridos nos saberes construídos por seu grupo social.

Na sociedade, observa-se uma crescente onda de violência por meio das notícias repassadas pela mídia, nas comunidades, nos jogos de videogames, nos desenhos e filmes que estimulam constantemente a violência. As crianças assimilam com rapidez o que se passa ao seu redor e procuram, muitas vezes, imitá-los. No Brasil, o índice de violência em relação a outros países é muito grande.

No Brasil, país sem disputa territoriais, movimentos emancipatórios, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos, morreram mais pessoas (192,804) vítimas de homicídios, que nos 12 maiores conflitos armados no mundo. (WAISELFSZ, 2011, p. 20).

Diante dos dados, percebe-se que as crianças e adolescentes que convivem com a violência apresentam comportamentos agressivos, como cita um aluno: 'tia, 'bateu levou'; meu pai disse: 'se baterem em você, bata também, senão apanha em casa'" (2012). Assim, revidar as agressões é o lema em sala de aula.

Combater a violência perpassa por momentos de diálogo, demonstrações de carinho e interesse pelo que fazem, mas também cobranças do respeito ao colega, fazendo os 'combinados' que são o resultado do diálogo, onde eles dizem que não pode bater, nem xingar, agredir fisicamente o colega, caso não cumpram, surge a conversa com os pais, pedido de desculpa, o aperto de mão e o abraço. A todo o momento o professor tem que perceber quando a solidariedade acontece; as palavras, 'licença', 'por favor', 'desculpe' para elogiar, ou seja, levar o educando a perceber como é bacana todo mundo ser amigo de todo mundo.

Observou-se que as crianças, adolescentes são carentes de afeto; muitas delas quando percebe que o professor tem carinho, atenção mostram seus sentimentos de afeto por meio de um beijo, abraço, uma cartinha com desenho de coração e bonecos, representando a professora e o aluno, ou mesmo um sorriso. Uma criança chegou dizendo: 'Tia minha mãe disse que não vai me dar mais abraço e beijo". A professora perguntou o porquê ele disse que estava danado na escola.

Principalmente os adolescentes que têm dificuldade de falar sobre suas angústias, conflitos quando percebem o educador como um profissional em que podem confiar, eles o procuram para tirar suas dúvidas. Em um momento que estávamos mostrando uma exposição de fotos sobre a violência doméstica, uma aluna (2014) em confiança perguntou: 'Professora minha mãe está sofrendo violência constante pelo meu pai, onde posso pedir ajuda para ela aprender um trabalho para sair de casa? Fico muito triste e atrapalha nos meus estudos. Às vezes falta aula para ficar com ela...".

O depoimento dos alunos nos momentos das atividades proporciona ao professor conhecer um pouco da sua história e desenvolver estratégias que envolvam afetividade e compartilhamento. O processo é longo, pois o aluno precisa conhecer o professor e sentir-se seguro no espaço da sala de aula. O contato com a família é fundamental para o trabalho compartilhado, informando, orientando em prol do bem estar do educando.

O ser professor perpassa por momentos de reflexão, da afetividade, da dificuldade, do repensar pedagógico, daí o enfoque de uma proposta pedagógica dialógica direcionada para articulação entre inteligência e afetividade percebidas como um processo de construção que envolve alterações, observações para alcançar resultado positivo na formação da criança. Isto é fundamental para a construção do saber, pois compreender o processo de aprendizagem é respeitar os níveis: cognitivo, afetivo, motor e social da criança.

A escola deveria também saber que, em função dessas articulações, a relação que o aluno esta-

beleza com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento. As famosas estratégias educacionais nada mais são do que a criação de relações adequadas, afetivas, carinhosas, aptas a fazer com que a criança trabalhe seu narcisismo secundário, restabelecendo sua beleza, diante de si e do mundo, na medida em que aprende. (SALTINI, 2002, p. 20).

Diante dessa proposta participativa direcionada para afetividade, percebe-se que os alunos vão aprendendo aos poucos; aprendendo que precisam respeitar o outro, compartilhar informações e ajudar nas tarefas realizadas com o professor e com o próprio colega; também se observou que, por meio do compartilhamento, da afetividade, uns ajudam aos outros nas tarefas, como também é despertado o desejo de querer aprender. Nessa proposta pedagógica, os diálogos são constantes, as novidades fluem e novos assuntos são discutidos. Muitas vezes aborda-se um conteúdo a partir das discussões em sala. Os momentos das aulas dialógicas propiciam rever assuntos, sugerir novos conteúdos e retornar aos mesmos na medida das atividades trabalhadas.

Para estimular o comportamento do respeito ao outro foram desenvolvidas atividades lúdicas no início das aulas, mediante as quais precisam compartilhar e formar grupos, aprendendo a conviver sem agredir e sim aproveitar ao máximo as atividades em grupo, além do que aprendem a desenvolver seu processo criativo, por meio das histórias, desenhos, proporcionando a reflexão e novas descobertas.

O processo criativo, por meio de ações pedagógicas integradas à afetividade, permite compreender um ser de cada criança, seus momentos de alegria e momentos de tensões, pois o ato educativo está direcionado ao desenvolvimento integral da criança em formação. Como cita Freire (2006, p. 20): “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” Para tanto, o educador é aquele que estabelece uma relação e um diálogo com o aluno, bem como uma afetividade que busca motivar o processo de aprendizagem, estimulando

a sua produção, valorizando sua criatividade, elevando sua autoestima, acreditando que ele é capaz de gerar ideias e colocá-las a serviço de sua vida.

De acordo com uma pesquisa encomendada pela empresa *Johnson & Johnson* ao Ibope (2012), boa parcela da população brasileira se sente carente. Enquanto 35% afirmaram que receberam muito carinho em sua vida, 28% declararam não ter recebido carinho, 21% dos brasileiros disseram não ter manifestado carinho a ninguém.

No contexto educacional é relevante o professor estimular a sociabilização, por meio da qual possam se colocar no lugar do outro (demonstrar empatia), além de expressar as suas opiniões de maneira clara e direta sem ofender a outra pessoa (assertividade), sendo cordial e oportunizando atividades pedagógicas que reforcem o respeito e o afeto ao outro.

## 5 AFETO SIM! VIOLÊNCIA NÃO É A ÉTICA DO CUIDAR

A violência é uma constante na realidade dos alunos da rede pública. De acordo com Charlot (2005), segundo pesquisa da UNESCO (2004), a violência está presente tanto no cotidiano dos meninos, como das meninas. Em suas pesquisas, Charlot (2005) ressalta os três níveis de violência: a) no primeiro nível a violência do senso comum, representada por golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo etc.; b) no segundo nível as incivilidades, cujas formas de expressar seriam as humilhações, as palavras grosseiras, a falta de respeito etc.; c) e o terceiro nível seria a violência simbólica ou institucional, compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho, a violência de poder entre professores e alunos.

Conforme Charlot (2005), para lidar com os jovens, utilizou-se uma pedagogia da afetividade,

numa proposta dialógica, mediante a qual era possível ouvi-los e não apenas informar sobre a temática. De acordo com as definições da Organização Pan Americana da Saúde (OPAS) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência e juventude diferenciam-se pelas suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas; a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (10 a 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos).

Já o conceito de juventude resume uma categoria essencialmente sociológica, que indica o processo de preparação para o indivíduo assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos (CHARLOT, 2005).

Assim, para atender ao público alvo, o Projeto 'Afeto Sim! Violência não!' foi trabalhado por série, em oito escolas da rede municipal de ensino de Aracaju e as atividades planejadas de acordo com a faixa etária. No primeiro momento foi discutido numa roda de conversa o que eles sabiam sobre relação de gênero, violência praticada contra a mulher, os tipos de violência e o que poderia ser feito para denunciar os casos de agressão praticados por alguns homens violentos.

A roda de conversa como ação pedagógica apresenta estratégia mais participativa com os adolescentes, troca de experiências e sociabilização com os demais participantes. Além disso, foram realizadas palestras, apresentações de filmes, dramatizações e oficina de grafite com a temática que proporcione assegurar estratégias com vistas a prevenir a violência contra as mulheres.

Nas rodas de conversa os alunos abordavam suas dúvidas, atos de violência que presenciavam no contexto familiar.

Tia na minha casa meu padrasto estava bêbado e foi em cima de minha mãe para bater, ela empurrou ele e eu peguei uma pá e bati na cabeça

dele e depois eu e minha mãe saímos correndo de casa. Minha mãe deu parte e separou dele. (ALUNA, 2014).

Meu pai foi bater na minha mãe e empurrei ele. (ALUNO, 2014).

Na minha casa minha mãe foi em cima do meu pai, porque ele estava enojando ela. (ALUNO, 2014).

Professora minha mãe separou do meu pai, ele batia nela, agora vive na casa da minha vó, mas queria que ela aprendesse alguma coisa para melhorar a cabeça dela. (ALUNA, 2014).

Nos depoimentos dos alunos percebe-se que a violência é uma constante, como se fosse algo natural no ambiente familiar. Nas rodas de conversa, foi questionado porque alguns homens são tão violentos com as companheiras, afirmavam:

Porque o homem tem ciúme e se acha dono da mulher. (ALUNA, 2014).

Mas tem mulher que gosta de apanhar, sem vergonha. Ainda fica com ele. (ALUNA, 2014).

A mulher é apaixonada e acredita que ele vai mudar, daí fica com ele. (ALUNA, 2014).

É mulher safada que gosta de apanhar. (ALUNO, 2014).

Os depoimentos mostram que é necessário um espaço para discussão, pois muitos alunos acreditam que a mulher é a culpada, provoca o homem; as meninas apresentaram-se mais rancorosas acham que a mulher não tem vergonha, gosta de sofrer agressões. Justamente ressalta as concepções de feminilidade e de masculinidade que, ao longo da história, têm sido utilizadas para justificar a interiorização e a submissão à opressão de mulheres.

A partir de pretensas características femininas e masculinas, cada cultura, dentro de um esquema binário, busca fixar como todos os homens e todas as mulheres deveriam ser, desconsiderando as diferenças individuais e a diversidade de mo-

dos de 'ser mulher' e de 'ser homem', criando estereótipos que ditam comportamentos, modos de pensar, gostos e até mesmo sentimento. (CARVALHO, 2009, p. 12).

Por meio das discussões foi debatido o contexto social da mulher, a história de submissão que foi estabelecida pela sociedade e a luta delas para conquistar seu espaço. Foi abordada a Lei Maria da Penha, a partir da história de Maria da Penha. Os alunos começaram a refletir e questionar; a atividade culminou com dramatizações, identificando os tipos de violência doméstica (física, psicológica, sexual, patrimonial e moral). Também produziram cartazes contra a violência doméstica, retratando por desenhos o que aprenderam e a necessidade de haver uma sociedade direcionada para a compreensão e a paz. Como cita Morin (2007, p. 35): 'O problema ético contemporâneo, atualmente vem do fato que tudo, na civilização ocidental, tende a favorecer nosso 'programa' egocêntrico, enquanto nosso programa altruísta ou comunitário permanece subdesenvolvido'.

Assim, oportunizando uma prática pedagógica do acolhimento e do compartilhamento o projeto oportuniza uma troca de diálogo, debate entre alunos, proporcionando o ouvir e o contribuir para um trabalho coletivo de valorização da sua autoestima e ao mesmo tempo espaço para discussão e reflexão sobre a importância do respeito ao ser humano.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o ambiente adequado para a discussão com o intuito da prevenção, pois é o lócus onde os jovens podem conversar sobre o que está acontecendo no contexto social e coibir as ações violentas, egocêntricas de alguns indivíduos. A partir do momento em que há um espaço para a discussão e, principalmente, para ouvir o educando, observa-se como é importante encontrar um ponto de equilíbrio em que prevaleça o bom senso, destituindo o autoritarismo.

As ações pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar proporcionaram troca de experiên-

cias e os depoimentos dos alunos revelam como é fundamental abrir o espaço para essa troca, de forma afetiva, compreendendo as suas construções de saberes e criando os momentos de mediação dos conflitos surgidos. Muitos alunos ainda têm dificuldade de conversar, de expor suas opiniões, mas, na produção dos cartazes, demonstraram o que aprenderam, e registraram a necessidade do amor, do combate à violência. Os alunos, algumas vezes, apresentavam-se com deboche, outros com vergonha e outros se expressavam com sinceridade, para demonstrar suas dúvidas e anseios. Alguns momentos ficavam centrados na produção dos cartazes, meninos e meninas, escrevendo palavras, frases e desenhos mostrando habilidades e o interesse de registrar seus pensamentos.

O diálogo proporcionou uma troca de experiências, pois os alunos procuravam tirar suas dúvidas e outros temas como a sexualidade, gravidez na adolescência, o namoro, ciúme foram discutidos nos momentos de compartilhamento.

Assim, uma proposta pedagógica que envolva a afetividade e proporcione ouvir os adolescentes contribui para sensibilizar e repensar uma práxis pedagógica voltada para o acolhimento e o combate a violência. Para que isso aconteça, é necessário investir na formação continuada do educador, pois alguns professores têm dificuldade de desenvolver dentro da sua própria disciplina atividades relacionadas ao conceito de violência e gênero; sentem a necessidade de um espaço para discutir seus anseios na prática pedagógica em sala de aula, como também acesso aos livros que tratam dos temas. O rendimento salarial insatisfatório e uma carga horária elevada, muitas vezes, não permitem a possibilidade de aquisição de livros ou cursos para aperfeiçoamento.

Assim, é necessário rever estratégias e políticas públicas que possibilitem ao professor ter acesso a novos saberes para que possa replanear suas aulas e direcionar o ensino, não por meio da memorização, mas sim do debate e da reflexão dialógica, além de procurar estratégias para a participação dos pais na vida escolar do filho.

As famílias, de acordo com os depoimentos dos professores e alunos, estão distantes da escola; atribuem ao professor a responsabilidade pela educação dos filhos e, muitas vezes, as queixas constantes dos educadores são a forma como os pais educam os filhos no sentido de achar que eles sempre estão com a razão, ou mesmo sendo passivos na educação dos mesmos.

Um currículo direcionado para a ética do cuidar, mediante o qual professores e alunos possam compartilhar opiniões em prol de uma relação mediada pelo diálogo, como cita Morin (2007, p. 35): 'Nos espíritos dos indivíduos, as relações acontecem a partir da responsabilidade, da inteligência, da iniciativa, da solidariedade, do amor'.

Assim, o ponto de partida é o repensar do projeto político pedagógico que, além de desenvolver os conteúdos conceituais, possa também valorizar os conteúdos atitudinais contribuindo para as relações entre o indivíduo; por meio da ação de ouvir alunos, professores e comunidade. Dessa forma a escola poderá contribuir para uma educação em que prevaleça o altruísmo, e que o sentido da responsabilidade, da solidariedade seja mais consistente do que o da violência.

Precisamos desconstruir conceitos que influenciaram na formação de homens e mulheres, preconceitos que geram violência de gênero em

pleno século XXI, fazendo com que a cada quatro minutos uma mulher seja vítima de agressão no Brasil, situação que o coloca como o sétimo país em que mais se matam mulheres, de acordo com o ranking de 84 países, ordenado segundo as taxas de homicídio (WASELISZ, 2012).

O desafio, na contemporaneidade, é justamente a formação de um sujeito ético, capaz de repensar e refletir as ações posicionando-se para uma práxis dialógica e solidária, direcionada aos princípios de uma educação para a paz, ressaltados os direitos humanos do cidadão e comprometida em não aceitar qualquer tipo de violência. Como afirmava Mandela, se as pessoas aprendem a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

A violência estrutural possibilita todos os tipos de violência que permeia a sociedade, quando é visível a desigualdade social, miséria, preconceitos que retira do cidadão o direito à dignidade, ao respeito e à valorização da sua cidadania. A luta por uma sociedade igualitária e de respeito ao cidadão envolve o compromisso de práticas solidárias, saber se colocar no lugar do outro, refletir sobre seus atos e perceber que vivemos na coletividade e para vivenciarmos uma cultura de paz precisamos lutar por uma sociedade igualitária, onde homens e mulheres estejam juntos na luta por uma sociedade justa e igualitária que supere as classes sociais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.); VALVERDE, Danielle Oliveira; BARBOSA, Diana Teixeira. *et al.* **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas, Ministério da Educação, 2005.

ARACAJU. Secretaria Municipal de Saúde. **Violência contra a mulher**. Aracaju, 2013.

AZEVEDO, Maria Amélia. O perigo mora em casa. **Revista Psique Ciência & Vida**. São Paulo, n.109, fev. 2015. p.6-10.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; ANDRADE, Fernando Cezar Bezerra; MENEZES, Cristiane Souza. **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Universitária, 2009.



CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FEDERAÇÃO Internacional de Planificação da Família, Região do Hemisfério Ocidental. **Declaração de Antígua Contra a Violência Baseada no Gênero, proclamada na Conferência**: 'BASTA! América Latina diz não à violência baseada em gênero". Antígua, 29 de maio de 2003. Disponível em: <[http://www.aads.org.br/wp/?page\\_id=169](http://www.aads.org.br/wp/?page_id=169)>. Acesso em: 17 fev. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JALALIB, Vahideh Rahnemaye Rabbani (Org.). **Educação para a paz**. Aracaju: Criação, 2010.

JOHNSON & Johnson Pesquisa. **Carinho inspira carinho**. 27 de outubro 2012. Disponível em: <<https://www.jnjbrasil.com.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

MILANI, Feizi Masrour. Saúde e Paz: interfaces e sinergias no enfrentamento às violências. In: JALALIB, Vahideh Rahnemaye Rabbani (Org.). **Educação para a paz**. Aracaju: Criação, 2010.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Trad. Jurem Machado da Silva. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

SALTINI, Claudio J. P. **Afetividade, inteligência**: a emoção na educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAUNDERS, Daniel G. Are physical assaults by wives and girl friends a major social problemw? **Violence Against Women**, v.8, n.12, 2002. p.1424-1448.

STREY, Marlene; AZAMBUJA, Mariana; JAEGGER, Fernanda Pires (Org.). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VOSS, Rita Ribeiro. **A pedagogia da felicidade de Makiguti**. Campinas-SP: Papyrus, 2013.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2011**: os jovens no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília-DF: Ministério da Justiça, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012**: homicídios de mulheres no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.

WATSON, Emma. He For She: Discurso para programa da Organização das Nações Unidas (ONU). **Mulheres**. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

---

Recebido em: 1 de fevereiro de 2016

Avaliado em: 2 de fevereiro de 2016

Aceito em: 4 de fevereiro de 2016

---